O PAPEL DO ESPORTE UNIVERSITÁRIO NA FORMAÇÃO DE ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE BRASIL E ESTADOS UNIDOS

Palavras-Chave: Esporte Universitário, Análise Comparativa, Políticas Públicas

Autores(as):

PAMELA IZABELA PERES, FEF/UNICAMP

Prof(ª). Dr(ª). EVANDRO CASSIANO DE LÁZARI, FEF/UNICAMP

INTRODUÇÃO:

O esporte universitário constitui-se como um fenômeno sociocultural relevante, integrando dimensões educacionais, políticas e de alto rendimento no ambiente acadêmico. Nos Estados Unidos, essa prática ocorreu no século XIX, com destaque para a primeira competição intercolegial entre Harvard e Yale em 1852 (Xavier, 2019). A partir desse marco, consolidou-se um sistema altamente estruturado, caracterizado pela criação da National Collegiate Athletic Association (NCAA) em 1910, que passou a regulamentar e fomentar a formação de atletas em nível universitário, associando educação, excelência esportiva e investimento institucional (Xavier et al., 2019; Thelin e Edwards, 2015).

No Brasil, o esporte universitário surgiu em instituições como o Mackenzie e a Escola Politécnica do Rio de Janeiro no final do século XIX, e teve seu primeiro grande evento nacional em 1935 com a I Olimpíada Universitária Brasileira. Esse evento precedeu a criação da Confederação Brasileira do Desporto Universitário (CBDU) em 1939, formalizada pelo Decreto-Lei nº 3.617/1941 (Brasil, 1941). Apesar do reconhecimento institucional, o modelo brasileiro ainda carece de consolidação em termos de gestão, financiamento e integração com o sistema de esporte de alto rendimento (Pessoa e Dias, 2019).

Enquanto os Estados Unidos investem anualmente cerca de 3,6 bilhões de dólares em bolsas para mais de 180 mil estudantes-atletas (NCAA, 2023), o Brasil segundo o Ministério do Esporte (2024), editais anteriores indicam a oferta de aproximadamente 900 a 1.200 bolsas anuais nessa categoria. Essa discrepância revela não apenas diferenças de investimento, mas modelos distintos de articulação entre universidade e carreira esportiva profissional.

OBJETIVOS:

Diante desse panorama, este estudo busca analisar o papel do esporte universitário na formação de atletas de alto rendimento, comparando as estruturas organizacionais, políticas do Brasil

e dos Estados Unidos. Para isso, propõem-se os seguintes objetivos específicos: Descrever os aspectos históricos e institucionais do esporte universitário em ambos os países; Comparar os modelos de desenvolvimento de atletas de alto rendimento vinculados às instituições de ensino superior e Identificar os principais desafios enfrentados pelo esporte universitário brasileiro e propor estratégias para seu fortalecimento.

METODOLOGIA:

A pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa e exploratória, centrada na análise documental e na revisão bibliográfica, com o objetivo de comparar o papel do esporte universitário na formação de atletas de alto rendimento no Brasil e nos Estados Unidos. Essa escolha metodológica é adequada ao objeto de estudo, que envolve estruturas institucionais, políticas públicas e dados oficiais.

Conforme Gil (2008), a análise documental permite examinar fontes institucionais não submetidas a tratamento analítico, como legislações, regulamentos e estatísticas públicas. Já a revisão bibliográfica, segundo Lakatos e Marconi (2003), proporciona base teórica e contextualização crítica do fenômeno.

Foram consultadas bases científicas como Scielo, Google Scholar e PubMed, além de repositórios da CBDU, NCAA, Ministério do Esporte e órgãos governamentais. A seleção incluiu artigos, livros, dissertações e teses relacionadas ao esporte universitário, à formação esportiva e às políticas públicas nos dois países.

A análise dos dados seguiu leitura crítica e categorização temática, com ênfase em quatro eixos comparativos: modelo de financiamento, estrutura organizacional, acesso e permanência dos atletas, e integração com o alto rendimento. A interpretação foi conduzida com abordagem descritiva e analítica.

ANÁLISE DE DADOS:

Para analisar o papel do esporte universitário na formação de atletas de alto rendimento, foram definidos quatro eixos comparativos principais, com base na literatura e nos objetivos da pesquisa:

Eixo de Análise	**Indicadores utilizados**
Estrutura e financiamento	Orçamento anual, número de bolsas, fontes de receita (públicas/ privadas)
Articulação com alto rendimento	% de atletas universitários nas seleções olímpicas; vínculos com federações esportivas
Inclusão e permanência	Critérios de acesso, evasão acadêmica, apoio multidisciplinar
Impacto institucional e social	Infraestrutura esportiva, integração com a comunidade, projeção profissional dos atletas

Tabela 1 – Eixos comparativos principais

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

O estudo evidenciou que o esporte universitário vai além da prática extracurricular, exercendo papel relevante na formação integral do estudante. Ele combina elementos pedagógicos, sociais, econômicos e esportivos, conforme apontam Malagutti, Rojo e Starepravo (2020) e Brunton e Mackintosh (2017). Além de contribuir para a saúde e integração comunitária, movimenta cadeias produtivas locais (Gomes, 2014).

No campo institucional, os modelos de Brasil e Estados Unidos diferem amplamente. O sistema norte-americano, consolidado pela NCAA desde 1910, integra universidades, federações esportivas e o Comitê Olímpico. Com mais de 500 mil atletas universitários e investimentos anuais de US$3,6 bilhões em bolsas, representa um pilar estratégico da formação olímpica e profissional (NCAA, 2023; Silva e Melo, 2021). Esse modelo se sustenta por meio de uma forte articulação entre universidades, setor privado e entidades esportivas, e movimenta mais de US$3,6 bilhões ao ano em bolsas atléticas. Tais bolsas não apenas garantem acesso à educação superior, mas também asseguram suporte técnico, nutricional, psicológico e médico, promovendo o desenvolvimento integral dos atletas (Silva e Melo, 2021).

Além do suporte estrutural, o esporte universitário nos EUA desempenha papel central na formação de atletas olímpicos. Cerca de 75% dos atletas norte-americanos que participaram dos Jogos de Tóquio 2020 passaram pelo ambiente universitário, o que reflete uma engrenagem institucional eficaz que une formação acadêmica e excelência esportiva (USA Today, 2022). Técnicos universitários frequentemente compõem comissões técnicas de seleções nacionais e atuam em sinergia com olheiros, criando uma rede contínua de avaliação e encaminhamento para o esporte profissional. Esse modelo faz da universidade não apenas um ambiente de transição, mas um centro de excelência e desenvolvimento esportivo de alto rendimento.

Em contrapartida, o modelo brasileiro carece de uma estrutura articulada e de um marco institucional consolidado. Embora institucionalizado desde a década de 1930 com a criação da CBDU, apresenta fragilidades históricas, descontinuidade política e baixa integração com o esporte de alto rendimento. A formação de atletas ocorre majoritariamente fora das universidades (Barbosa, 2017; Belato, 2019). Segundo Barbosa (2017), a ausência de uma política nacional de esporte universitário, aliada ao baixo investimento público e à inexistência de programas de transição entre universidade e esporte profissional, resulta em evasão atlética durante o ensino superior.

Embora programas como o Bolsa-Atleta representem avanços, sua abrangência ainda é limitada: menos de 3% dos estudantes-atletas recebem esse apoio (Moreira, 2016). As bolsas privadas, por sua vez, não seguem critérios padronizados nem se articulam com políticas públicas esportivas (FUPE, 2023). Já nas universidades públicas, como é o caso da Unicamp, persistem desafios para estruturar e manter um apoio institucional consistente ao esporte universitário, evidenciando a fragilidade de uma política esportiva nacional articulada (Silveira, 2021). Esse descompasso revela a falta de um padrão nacional e de mecanismos institucionais que promovam

permanência e ascensão dos estudantes-atletas no ambiente universitário.

Apresenta-se a seguir uma tabela comparativa entre os modelos de esporte universitário dos Estados Unidos e do Brasil, essa comparação permite visualizar de forma objetiva os contrastes e as lacunas entre os dois sistemas.

Indicador	**Estados Unidos**	**Brasil**
Nº de estudantes-atletas/ano	500.000+ (NCAA, 2023)	Estimativa inferior a 30.000 (CBDU, 2022)
Bolsas Esportivas	US$ 3,6 bi/no - majoritariamente integrais	Poucas e pontuais - maior parte ofertada por instituições privadas
% atletas olímpicos com vínculo universitário	75% (Tóquio 2020)	> 15% (estimado)
Integração com federações esportivas	Alta - NCAA atua em rede com o comitê olímpico e confederações	Baixa estruturas isoladas
Infraestrutura universitária para o esporte	Avançada	Limitada, principalmente em IES públicas
Política Pública esportiva universitária	Consolidada e articulada com sistema esportivo nacional	Fragmentada e descontínua

Tabela 2 - Tabela Comparativa EUA x Brasil

A análise mostra que o sucesso do modelo norte-americano resulta de investimento contínuo, articulação entre os níveis esportivo e educacional e planejamento estratégico. No Brasil, a falta de políticas públicas integradas e suporte institucional limita o potencial competitivo das universidades.

CONCLUSÕES:

A pesquisa comparou os modelos de esporte universitário do Brasil e dos Estados Unidos, revelando diferenças marcantes em estrutura, financiamento e articulação com o alto rendimento. Nos EUA, o sistema da NCAA é peça-chave na formação de atletas profissionais, com suporte institucional, bolsas integrais e conexão direta com ligas como NBA e NFL. Já no Brasil, o esporte universitário carece de integração com clubes e federações, resultando em abandono esportivo após os atletas completarem 25 anos de idade, especialmente pela falta de políticas de transição e infraestrutura adequada.

A desigualdade territorial e a concentração de recursos em universidades privadas agravam esse cenário. Ainda assim, conquistas como o ouro da seleção universitária de basquete masculino na Universíade de 2025 demonstram que, com apoio mínimo e visibilidade internacional, o Brasil possui potencial esportivo em nível universitário, o desafio é estruturá-lo de forma permanente. A falta de

continuidade, monitoramento e apoio evidencia que o problema não reside na capacidade dos atletas, mas sim na inexistência de políticas públicas integradas que garantam o desenvolvimento sustentado do esporte universitário.

A consolidação do esporte universitário brasileiro como eixo de desenvolvimento esportivo requer ações coordenadas entre universidades, confederações, ministérios e federações. Investimentos em bolsas, infraestrutura, programas de transição e mecanismos de permanência são fundamentais. Como aponta Barbosa (2017), somente com políticas estruturadas será possível transformar o esporte universitário em uma ferramenta real de formação e de excelência esportiva, capaz de contribuir para um modelo de desenvolvimento mais justo, sustentável e articulado à educação de qualidade.

Propõe-se, portanto, a criação de políticas públicas integradas, expansão de bolsas, melhorias estruturais nas IES públicas e privadas e maior conexão entre universidade e esporte profissional. Fortalecer o esporte universitário é estratégico para formar atletas de elite e promover inclusão, desenvolvimento e cidadania por meio do esporte.

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, C. G. A. **A gestão pública do esporte universitário brasileiro: a bola não deve entrar por acaso.** 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Biociências de Rio Claro, Rio Claro, SP.

BELATO, A. K. M. S. **Política de esporte universitário na Universidade de Brasília**. 2019. Monografia (Graduação em Educação Física) – Universidade de Brasília, Brasília, DF.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 3.617, de 21 de setembro de 1941**. Dispõe sobre a organização dos desportos universitários. Diário Oficial da União, seção 1, Brasília, DF, 23 set. 1941.

BRUNTON, J., & MACKINTOSH, C. (2017). **University sport and student development: A global overview.** Sport in Society, 20(4), 456–471.

FEDERAÇÃO UNIVERSITÁRIA PAULISTA DE ESPORTES (FUPE). **O esporte universitário paulista proporciona mais de 1800 bolsas de estudo esportivas.** 2024.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, M. S. (2014). **Esporte universitário: potencialidades e desafios**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, 28(1), 57–72.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MALAGUTTI, F.; ROJO, P.; STAREPRAVO, R. **Políticas públicas do esporte universitário no Brasil.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 42, e019019, 2020.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Investimentos no esporte de alto rendimento.** 2024. [Dados institucionais].

NCAA. **What is the NCAA?** 2024.

PESSOA, V. L. F.; DIAS, C. **História do esporte universitário no Brasil (1933–1941)**. Revista Movimento, v. 25, 2019.

SILVA, V. A; MELO, F. T. **Universidade e esporte: articulações possíveis para o alto rendimento.** Motrivivência, 33(65), 1–19. 2021.

SILVEIRA, R. M. A. da. **Gestão do esporte universitário: práticas de planejamento estratégico nas associações e ligas atléticas acadêmicas da Unicamp.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas.

THELIN, J.; EDWARDS, J. **History of athletics in US colleges and universities.** 2015.

XAVIER, L. C. C. et al. **Gestão do esporte universitário no Brasil e EUA.** In: Anais do XVII Congresso de Ciências do Desporto e de Educação Física dos Países de Língua Portuguesa, 2019.